

Diadorim – a inversão do Outro

Elaborado por: Wander Lourenço (UFF/UNESA)

Diadorim – a inversão do Outro

Tornai-me a aparecer, entes imaginários,
Que me encheis outrora os olhos visionários!
Poder-vos-ei fixar?... Tenho inda coração
Capaz de se render à vossa sedução?..
[...] O que foi, torna a ser. O que é perde existência.
O palpável é nada. O nada assume essência.

(GOETHE, *Fausto*.)

Em *Literatura e Filosofia – Grande sertão: veredas*, o filósofo Benedito Nunes preconizara que o mito de referência da obra literária *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa – o pacto do jagunço Riobaldo-Tatarana com o Diabo nas Veredas Tortas –, surge ao leitor conjugado a um outro de origem, o do Andrógino platônico, de difusa procedência, representativo de unidade alicerçada na coincidência dos opostos, o masculino e o feminino, em diálogo com a Diotima d'*O banquete*. Em Platão, ainda sobre o discurso de Aristófanes, observa-se a procedência destes seres andróginos detentores de quatro mãos e idêntico número de pernas, dois rostos perfeitamente iguais dispostos em sentido contrário, com quatro orelhas, como todos os homens, com a diferença de que os seus dois órgãos genitais seriam um de origem masculina e outro, feminina (PLATÃO 2001: 43-4).

Em *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*, Marshall Berman preponderaria que, no século XX, os intelectuais do Terceiro Mundo, portadores de cultura de vanguarda em sociedades atrasadas, experimentaram a cisão fáustica goetheana com invulgar intensidade. Esta 'experimentação' intelectual, sobretudo, alicerçada na angústia interior do doutor-pactário, registra o crítico, culminaria na inspiração das visões, ações e criações revolucionárias; e, não obstante, freqüentemente a aflição agônica de Fausto tenha conduzido apenas às sombrias alamedas da futilidade e do desespero. Ao fundir o mito fáustico com o andrógino platônico aliado ao Menino Primordial, o *Grande sertão* decerto não se enquadraria nos patamares postíços de uma releitura fútil e desesperada por parte de seu autor. E, quiçá, por ocasião do Menino Primordial/Reinaldo posicionarem-se num âmbito de 'amor-neblina' de um jagunço-orador, o tecer literário de Guimarães Rosa abarcaria as margens afluentes da tradição europeia por intermédio da dramaturgia de Goethe, da psicanálise de Jung e da filosofia de Platão e Aristóteles, aliando ainda a narrativa épica de Homero, conforme sublinharia a tradição crítica, aos registros medievais das novelas de cavalaria de origem franco-portuguesa.

O psicanalista Jung, segundo consta no *Dicionário de Termos Literários*, distingüiria ainda como principais arquétipos a sombra, o velho sábio e o herói-criança, a mãe ("Mãe Primordial"/"Mãe Terra"), a virgem, a *anima* (o feminino do homem) e o *animus* (o masculino da mulher). Estes e outros arquétipos – imagens primordiais como o paraíso perdido, os irmãos inimigos, o círculo, a rosa, a serpente, a *femme fatale*, o herói e o anti-herói, o mágico e o alquimista

– permaneceriam sempre intactos e inalteráveis qualquer que fosse o tratamento narrativo ou mesmo poético que sofressem. No bojo de tais bifurcações, as reminiscências do jagunço-orador provenientes das *sertanejas* Minas Gerais, que quase sempre se registrariam acompanhadas de interrogações ou reticências referentes ao ser-dúbio Diadorim, demarcariam as fronteiras percorridas por este intelectual, Rosa, no limiar da concepção da palavra-arte de sua escrita. Por conseguinte, o jagunço-orador Riobaldo não sucumbiria ao destino ou realidade do próprio *Fausto* de Goethe, ou mesmo do compositor Adrian da obra literária *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, posto que haja todo um processo dialógico, não só com a literatura pré-romântica ou do século XX na Alemanha; mas sim com todo o percurso da ficção europeia em assonância com a efluência da prosa ficcional, explicitamente anunciado pela narração de *Grande sertão: veredas*.

E se, por este raciocínio, no *Fausto*, de Goethe, assombra-lhe a figura do Demo que impulsionaria a personagem ao suicídio por intermédio de múltiplas agonias e tormentas conjugadas na derradeira frase do espírito do Mal: “*És meu.*”, nota-se que Em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, a morte imposta pelo Demo não se apropria do protagonista-amante, mas de um outro ‘*Menino*’, personagem secundário, o bem quisto filho de sua única irmã, concedendo ao também pactário compositor Andrian Leverkühn um alento luciférico ao artista: a inspiração da triunfal composição, com todas as suas retribuições, desígnios e responsabilidades espirituais. Em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, observa-se o seguinte fragmento textual: “ ‘*Velai comigo!*’ Na sua cantata, Adrian bem podia transportar a angustiada palavra do

Homem-Deus para o plano mais viril, ativo, solitário do 'Dormi em paz e não vos deixei perturbar!' do seu Fausto; mas apesar disso, resta o elemento humano, a instintiva ânsia por conseguir, a não ser a ajuda, pelo menos a companhia de seus semelhantes (...)", que corroboraria com a assertiva apresentada a respeito das conseqüências do fáustico pacto luciférico.

Nessa narração de um Riobaldo-fazendeiro, calcada nos mitos do pacto com o Demônio/Amor e da Androginia, conforme sinalizara Benedito Nunes, o desenlace fatal desaguaria na morte do jagunço de corpo-fechado Reinaldo/Diadorim, propositado por uma outra figura comprometida com o comércio da alma com o cujo-demônio – o Hermógenes. Ocorre que assim como no romance alemão *Doutor Fausto*, que de fato vem a ser o título da obra musical de Adrian Leverkühn inspirada pela mesma pragmática criatura do além, cuja implícita aparição, que também se afigura no registro teatral de Goethe pelo viés da evocação de doutor-protagonista, no tocante ao percurso pós-pacto das recompensas e conseqüências, ao jagunço-orador Riobaldo, após a morte do jagunço Reinaldo, só resta um desígnio heróico: a narração do seu *Grande sertão: veredas – 'o diabo na rua no meio do redemunho'* ao seu hóspede-leitor.

Pelas vertentes e digressões propostas no decorrer do *Grande sertão*, tal qual as trípticas paixões nutridas por Otacília/Diadorim/Nhorinhá, ressalta-se que, consoante Benedito Nunes, se entrelaçam, também as tais orações a Deus e ao hóspede-senhor entranham-se em uníssono discurso, que artesanalmente se tece na concepção estético-arcaizante de Guimarães Rosa. E na ludicidade dessa tessitura assombreada pelas recordações de seus dois

pactos – o de homossexual Amor proibido e o do satânico imperceptível ser transformador –, para o Riobaldo não haveria de fato razão palpável para que se assinasse com a alma o trato demoníaco das Veredas Mortas. A não ser pelo sentimento de paixão ressentido por Reinaldo que, voluntária e silenciosamente, o impeliria a patamares psíquicos, à primeira vista tão longínquos de seu ser-espírito arraigado de alusões a Nossa Senhora da Abadia, quanto a asserção diabólica no âmbito adverso à sua sexualidade e religiosidade. Por isto, a imagem de Otacília vem a reportar o jagunço-narrador à Virgem Mãe Santíssima, com uma nitidez sem neblinas, enquanto que em relação a Diadorim a narração se engendraria o hibridismo do sacrossanto e o luciférico. Sigmund Freud, em suas *Contribuições à Psicologia do Amor*, atestaria que, ao deixar os ficcionistas descreverem as condições necessárias ao sentimento, estes determinariam a opção por um objeto obtido pelos seres humanos, de modo que indicariam a maneira pela qual conduziriam as exigências de sua imaginação em consonância com a realidade.

No “Édipo e a paixão”, publicado na coletânea *Os sentidos da paixão*, o psicanalista Hélio Pellegrino diagnosticaria que a vida, em seu fundamento mais sublime, é sonho, ao passo que os homens nascem, aos poucos, do sonho imaginário para o sonho simbólico, que, em sua ordem, inclui o imaginário, o real e seus respectivos trâmites através da linguagem. Mas justamente o que o psicanalista Freud denominaria como “*licença poética*” para oferecer subsídios ao prazer intelectual e estético, bem como os tais efeitos emocionais, Rosa se reutilizaria de sua concepção fictícia – jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana –, para convencionar-se de tais privilégios para reproduzir a

essência da realidade ou verossimilhança tal como deveria ser explicitada sob os disfarces de sua '*matéria-vertente*' da qual a narração se apropriara.

O inóspito e propício cenário que abarca as efabulações do ficcionista Rosa em parte não são condizentes com as outras ciências, de um modo geral, a Sociologia e a Antropologia, e, em particular, a História e a Geografia. A começar pelo fato de que, historicamente, o território das Minas Gerais não carrega em seu bojo a tradição dos desmandos e conseqüências do jaguncismo; por conseguinte, as peripécias e desventuras dos cumpridores de sina e sentença, por intermédio dos bandos de Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Hermógenes, Joãozinho Bem-Bem, e, por fim, Riobaldo Urutu-Branco, não se enquadram nos patamares do registro oficial. Conquanto o leitor não deixe de perceber um nítido diálogo com o clássico de nossa historiografia, a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, recorrentemente analisada no âmbito literário, sobretudo pela força de sua narração. Na movimentação dos homens armados sejam jagunços ou seus inimigos – as autoridades policiais capitaneadas pelo primeiro Zé Bebelo –, algo do ritmo narrativo encontrado nas páginas da obra não literária de 1902, que retrata as idas e vindas das tropas oficiais do Coronel Moreira César, entre outros, enviadas para o literal extermínio de Canudos e seu líder Conselheiro. Aliado a este processo dialógico com *Os sertões*, detectado não só pelo título dos registros, avulta-se também a aproximação com o romance histórico *Guerra e paz*, de Leão Tolstoi, desta vez quando se enfatiza a análise na travessia dos soldados de Napoleão Bonaparte no intuito da invasão à Rússia¹.

¹ Na passagem extraída de *Guerra e Paz*, de Leão Tolstoi, quanto ao ritmo da narração, observa-se uma proximidade com o retorno da travessia do Liso do Suçuarão, guiada por Medeiro Vaz, sobretudo quando

A observação de conterrâneo e contemporâneo de Guimarães Rosa que ironicamente instigara a tradição crítica literária mencionando que jamais *'ouvira falar'* em sertão no Estado de Minas Gerais. Ora, justamente nestas fissuras científicas sejam elas de caráter psicanalítico, geográfico e histórico, que a prosa de ficção irá inserir os elementos míticos e filosóficos, que ora serão incrustado ao açambarcar o Liso do Sussuarão – espaço mitológico-lendário da narração inserido às margens dos limites geográficos; ora são enredados nas menções metafísicas referentes ao lugar-sertão, que poderia estar *'em toda parte'* ou *'dentro de nós'*. O psicanalista Sigmund Freud salientaria que o tratamento científico dado aos conflitos amorosos em relação ao proporcionado pelos artistas – *“que há milhares de anos vem deleitando a humanidade – deverá ser mais tosco e menos prazeroso”* (*Idem, ibidem*)

Na obra literária em questão, ao o desenlace amoroso entre Riobaldo e Reinaldo poder-se-ia pressupor que um terceiro elemento prejudicado exemplificado por Freud seria, sem sombra de dúvida, a figura paterna onipresente de Joca Ramiro, que o impede de cumprir a sua sina e paixão. A crítica literária Ana Maria Machado assevera, em sua mencionada obra, que a figura de José Otávio Ramiro Bettancourt Ramiro, o chefe-mor Joca Ramiro, se mantém sempre presente, mesmo quando não mencionado, por ser um Nome que permanece e uma palavra que não cessa, pois sob os ramos de sua grande árvore se congregavam os valentes. Contudo, se o leitor detiver o

se compara o soldado francês com o chefe-jagunço: “Durante a noite de 6 para 7 de outubro começou a retirada dos franceses. Demoliram as cozinhas e as barracas, carregaram-se as galeras, e soldados e bagagens puseram-se em marcha. (...) com uniformes ao ombro, mochilas às costas e grandes bornais a abarrotar, alinhou diante dos abarracamentos e foi um nunca acabar de gritos e graçolas ao longo das fileiras. (...) Só Sokolov, o soldado doente, pálido e magro, não estava nem equipado nem calçado. Sentado no seu canto, os olhos fora das órbitas, , de grande olheiras, castigadas pelo sofrimento, interrogava em silêncio os seus companheiros indiferentes, gemendo de vez em quando.” (TOLSTOI, 2004, p.1347)

enfoque na imagem ambígua deste ser fragmentado numa bifurcação intrínseca referente a esta *'terceira pessoa'* que reivindica o direito de posse é o próprio Reinaldo, que se prefigura ao desvencilhar-se do seu criador e fazer realmente amado por Riobaldo, diante de todas adversidades, obstáculos e circunstâncias homo-afetivos.

N'*O amor é conflito incurável*, Jean Paul Satre prepondera que a submissão do sujeito amado, em algumas ocasiões, chega de fato a tal ponto que faz evair-se ao efeito do amante; e que também o objetivo da paixão é superado e o outro fica sozinho se transforma num autômato – sem raciocínio ou vontade própria. E isto não poderia acontecer, complementa Satre, de tal forma que o amante não deseje a amada como se fosse possuir um objeto, visto que pretende um tipo especial de apropriação: a posse de uma liberdade como liberdade, conforme se constata no binômio Riobaldo-Reinaldo. Porém, o filósofo faria ainda algumas ressalvas pertinentes ao relacionamento humano calcado num Amor contrário aos padrões de arbitrariedade e a opressão e, ao fim, instigante e fatalmente indagaria: *“Mas, por outro lado, não pode ficar satisfeito com aquela forma eminente de liberdade que é o compromisso livre e voluntário. Quem ficaria satisfeito com um amor que se entregasse por mera fidelidade ao compromisso assumido?”* (SATRE, 2004, pgs.174-5)

Em *grandesertão.br*, o crítico literário Willi Bolle salientaria que a constante brutalidade da convivência dos jagunços, a violência e as privações – elementos estes que caracterizam o mundo-cão presente nas páginas da obra literária –, inseridos na vida rotineira no meio de homens broncos e sem rumo, que se tornaria insuportável não fosse o sopro de um princípio mais

elevado e transformador: a Beleza e o Amor, simbolizados pela figura de Diadorim. E por este viés acrescentaria Bolle, em diálogo com Walter Benjamim, ao ressaltar que Reinaldo é essencialmente uma figura-guia e labiríntica que, por intermédio de seu *'pranto'* ou *'discurso fúnebre'*, desaguarda numa espécie de paixão estética do autor, que nortearia a sua invenção ficcional. Entre Riobaldo e Diadorim, a paixão marginal e ilícita vivenciada pelos dois ferozes jagunços se pautaria em alicerces múltiplos que não conduziriam a constatação propostas pelas idéias libertárias sartrianas.

Em primeiro plano, porque ambas as concepções das personagens se interpunham por intermédio de intromissões no passado, no tocante ao caso do irmão de Joca Ramiro, o Leopoldo por quem Reinaldo sofrera demasiadamente, segundo um companheiro d'armas, jagunço sem identificação nominal; no presente, quando Riobaldo é flagrado em satisfatórios gozo e alegria, após a afável companhia de Nhorinhá e a subsequente e velada proibição de freqüência dos catres femininos alheios; e, enfim, no futuro, com a constante ameaça do *'compromisso assumido'*, da palavra empenhada em noivado com Otacília. Nos contratempos idílico-amorosos, Reinaldo/Diadorim se refaz tomando fôlego para o combate derradeiro com os *hermógenes-ricardões* e a revelação de sua sexualidade, enquanto Riobaldo se exaspera, quer em razão do pacto com o demônio nas Veredas Mortas; quer por causa da aspereza, austeridade e rispidez do amante nos últimos instantes da até então amigável convivência.

Nesta ambiência conflituosa, a longínqua lembrança proporcionada pela *'prostituída'* Nhorinhá, juntamente com a donzela casadoira da Santa Catarina,

seria utilizada como um reforço ou bálsamo de negação ao sentimento de perversão, que inclusive obriga a personagem a retroceder, pelo subterfúgio das reminiscências, no tempo e espaço narrativos. Retificar-se-ia, no entanto, a tese de que no romance rosiano estas tais intercalações narrativas ultrapassariam as fronteiras de sua paixão proibida, apenas por intermédio de sua imaginação prodigiosa que, contraditoriamente, alavancaria o Riobaldo-fazendeiro à condição de amante deste Reinaldo, em flagrante desvio das regras do jaguncismo. Por intermédio de sua abalada masculinidade, da qual o jagunço-narrador poderia ser arrebatado pelo caudaloso afã sexual por outro homem d'armas, tal qual o seu ser diferenciado pelo estranho temperamento e pela precária educação. Isto porque quanto mais este Riobaldo se abstrai da incômoda posição de valente desejoso e incrédulo daquela vida promíscua e rotineira, no meio de inúmeros homens broncos e sem rumo, réu dos limites da consciência e do corpo, afrontando a sua paixão homossexual através da confirmação da existência e do trato esponsal com Otacília. Todavia, por tamanhos meandros reflexivos, o sentimento que lhe advém ao espírito vem a ser o de ingratidão para com Reinaldo/Diadorim, já que, no cerne da metaforização, o narrador reataria o vínculo da amizade extraviada por sobre os seus remorsos; e pelo *'gosto de amor que era impossível'*.

Ao sentimento de legitimidade máscula que o autoriza a prosseguir honrado chefe de jagunço – o compromisso de noivado com Otacília –, se insere a adjetivação *'legal'* e *'intrujã'*. O que corroboraria com a tese de que o providencial e efêmero restabelecimento de sua dúvida de sexualidade, desembainhada da esdrúxula mácula em sua trajetória guerreira, dissolve-se

perante a *'impossível'* paixão homossexual que pode até vir a ser compassada no contexto da (i)legalidade, mas que abarcaria múltiplos significados na absorvência daquele desejo de Amor, pertencente a somente ambos, Riobaldo/Reinaldo.

Ainda de acordo com Freud, no amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de se assemelhar à prostituta, de tal modo que os homens que considerarem estas cortesãs como objetos amorosos do mais alto valor constituiriam acentuado desvio da normalidade. No capítulo “A sabedoria do casamento”, em sua *História da sexualidade*, Michel Foucault faz referência à interessante alusão atribuída ao grego Demóstenes, no final do libelo intitulado *Contra Nera*: “As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo o dia; e as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar.” (FOUCAULT, 1984, p.129)

A prefiguração de insólitos jagunços marginalizados, à qual foram aferidos os amantes Riobaldo e Reinaldo, logo a princípio, já os apartaria desta auréola de legalidade inserida nos padrões e normas sociais vigentes. Ainda que o jagunço-narrador confessasse a sua paixão por Nhorinhá, de modo a complementar o tríptico amoroso ao lado de Diadorim e Otacília, estas por sinal representadas nas páginas das reminiscências por brandos mecanismos da recordação por uma única ocasião de encontro, não poderiam alcançar o enleio *'tramadamente'* de paixão absoluta, não verbal, entre Riobaldo-Tatarana e Reinaldo-Diadorim.

‘Ela fosse uma mulher (...), eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer...’ – a declaração do jagunço-orador sobre a condicional paixão proibida esbarraria no posterior descuidado falar de Riobaldo: *‘– Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor dos seus olhos...’* Constata-se que, mesmo não sendo, na concepção de seu amante, Reinaldo uma mulher, o jagunço apaixonado se arriscaria ao dito jocoso, conforme fosse *‘brinca de zombaria’*, a aproximar-se por intermédio da palavra oral, de sua voz que transgride mais de que o corpo e menos de que a consciência. Porém, vem a ser contida pela exclamativa frase-sentença de Reinaldo: *‘– O senhor não fala sério!’* A mesma ajuizada voz que, no combate derradeiro, proferiria a ordem de Diadorim, como se inconscientemente propunha afastar Riobaldo, para livremente duelar com o cão-pactário Hermógenes, visto que, na ocasião anterior, o fazendeiro-orador justificara a morte de Joca Ramiro, atirando contra o corpo do outro *judas* denominado Ricardão. Mas, desta vez, o assassino do pai-ídolo Joca Ramiro teria de ser do vingativo Reinaldo, com o corpo assinado por autoria justiceira pelo sangue traidor do *judas* sanguinário, em sina de vingança cumprida a ferro de punhal que, no sertão, honra e desforra qualquer afronta ou dívida de Morte.

Antes da abordagem do duelo entre Diadorim e Hermógenes, duas metáforas se fazem necessárias à hermenêutica posta em proposição, para o desfecho desta pesquisa, quando a narração se espraia no seio da poesia e registra que: *‘Diadorim – ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que nem, dos brejos dos Gerais, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais’*. E por esta idêntica simbologia: *‘O quanto também*

olhei Diadorim: ele, firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir, de propósito, em chamariz de finta para a gente não dar com o veadinho filhote onde é que está amoitado... De fato, sem estas duas imagens

metafóricas a dos *'riachinhos'* apartados seguindo cada qual o seu destino à sombra dos buritizais; e a *'veada-mãe'* que despista o inimigo para desvencilhá-lo dos rastros do seu *'filhote'*.

Estas duas visões alegóricas encaixam-se no proceder destes indivíduos apaixonados que ignorariam o descerrar das cortinas de seus Destinos: o de Riobaldo de pelear qual e feito Zé Bebelo e Medeiro Vaz até descobrir e deparar-se, em seu Amor transexual, com a *'veada-mãe'* Maria Deadorina; e o de Reinaldo que, ao resguardar a revelação de sua sexualidade para após o embate com o *quasímodo-judas* Hermógenes ser atraído pelo punhal do inimigo que atravessara o colete-mistério ou tesoura de prata, ora acobertando; ora entrecortando, a sua enigmática identidade de Mulher.

As reminiscências do fazendeiro-narrador a partir do reencontro com o Menino-Moço, daquele instante até a conclusão do projeto de vingança pelo assassinio de Joca Ramiro, não sofreriam a demarcação de datas. Irrompendo-se pela imprecisão dos episódios e da não linearidade narrativa, a paixão de Riobaldo e Reinaldo permeada, salva engano, é vivenciada por aproximadamente uma década – desde a primeira visão do Menino pitando cigarro ao episódio-revelação do corpo de mulher estendido sobre a mesa-távola. Ocasão que denotaria estupefação de seu Amor, que inclusive Riobaldo confessara-se arrependido por ter renegado por toda a vida aquela ilícita paixão homossexual proibida. E também pelo viés desta constatação, é

que a enigmática figura hermafrodita vem a ser desmistificada por intermédio da descoberta de um cadáver de mulher sem as suas habituais vestes – e, posteriormente, da identificação nominal –, após o fatídico combate a tiros e à faca nas tortas veredas, como Maria (Diadorim) da Fé Bettancourt Marins.

No percurso da narração, a andrógina e emblemática criatura se insurgiria como portadora de desvendáveis enigmas entranhados nos dizeres do jagunço-orador, como já foram mencionados e entre os quais destacar-se-iam a encoberta filiação por parte de seu pai-ídolo Joca Ramiro e o codinome (Diadorim) oriundo da corruptela da identificação nominal de origem, dissociado a uma espécie de sua reconhecida alcunha ou mesmo nome (Reinaldo). E, aliado também a surpreendente revelação de sua sexualidade possibilitada pelas mãos da Mulher do Hermógenes, situa-se o poder de decisão fincado por uma liderança, que se redesenha a cada passo e instante no encaicho das ordenanças dos jagunços em chefe, consoante se constata na travessia do Liso do Suçuarão.

Equilibrando-se no tênue trapézio alicerçado na dúbia nomenclatura e existência Maria Diadorim/Reinaldo, que desembocaria na inversão dos desígnios de um sentimento proibido que afloraria no Outro ser – odioso e vingativo, diverso daquele que nascera para o muito amar, como a ela se referira Riobaldo na ocasião de sua morte, mas que não atentara para os sortilégios do Destino, que se desvendara no ápice da revelação do hermético enigma deste ser-signo, a tal mítica identidade feminina.